

PRIMEIROS PASSOS

Seminário de Fontes e Métodos: Uma abordagem metodológica e o uso de acervos digitais

Sources and Methods Seminar: A methodological approach and the use of digital collections

Filipe França Neves de Oliveira (ffndeo@gmail.com)¹

Graduando em História pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)

Thiago Vinícius Mantuano da Fonseca (tvmfonseca@uesc.br)²

Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF)

Resumo

O presente artigo busca expor o desenvolvimento e a aplicação de uma atividade prática de fontes e métodos a uma turma de Pesquisa Histórica I. Tendo em vista o diagnóstico da dificuldade do alunado do curso com metodologia histórica, o monitor e o docente traçaram a estrutura de funcionamento da atividade. Esta foi expor os repositórios digitais e fazer uma análise de uma fonte selecionada. Foram apresentados a Brasiliiana Fotográfica, Memória Estatística do Brasil e Hemeroteca Digital. Os métodos utilizados foram Ana Maria Mauad (1996), Heitor Pinto Moura Filho (2008) e José de Assunção Barros (2021). A atividade foi satisfatória, teve boa recepção por parte dos alunos e reforça a importância do Programa de Iniciação à Docência no Ensino Superior.

Palavras-Chave: Docência no Ensino Superior. Programa de Iniciação à Docência. Re却itórios Digitais.

Abstract

This research note describes the development and application of a practical activity on sources and methods for a History Research I class. In view of the diagnosis of the difficulty of the students in the course with historical methodology, the monitor and the teacher outlined the structure of the activity. This involved showing the digital repositories and analyzing a selected source. Brasiliiana Fotográfica, Memória Estatística do Brasil and Hemeroteca Digital were presented. The methods used were Mauad (1996), Moura Filho (2008) and Barros (2021). The activity was satisfactory, was well received by the students and reinforces the importance of the Teaching Initiation Program in Higher Education.

Keywords: Digital Repositories. Teaching Initiation Program. Teaching in Higher Education.

¹ Bolsista do Programa de Iniciação à docência pela UESC.

² Professor Visitante Adjunto de História do Atlântico (PPGH/DFCH-UESC).

Introdução

O Ensino Superior tem apresentado uma quantidade significativa de discentes que têm dificuldades de atingir os objetivos prescritos nas disciplinas curriculares do seu curso. As faculdades e Universidades frequentemente buscam desenvolver projetos educativos que envolvam os alunos, objetivando o aperfeiçoamento da qualificação dos estudantes (Frison, 2016).

Um destes projetos educativos é o Programa de Iniciação à Docência, em que um estudante atua como monitor universitário, auxiliando na aplicação teórica-prática da disciplina. Anterior a prática atual de monitoria, é necessária a exposição e crítica da evolução desta prática em sua historicidade.

As primeiras práticas de estudantes coadjuvando seus mestres, no Brasil, remontam à atuação jesuítica na América Portuguesa. Os chamados *decuriões* eram designados para guiar seus pares, assistindo às aulas, coletando trabalhos, registrando erros e ausências, munindo os educadores religiosos como auxiliares naquela prática educativa (Miranda, 2009).

O paradigma tradicional de educação bancária era, então, reiterado. Nessa concepção, o conhecimento era depositado pelo professor e reproduzido pelos alunos. Já a decúria era um agente facilitador e de controle, servindo de instrumento de aproximação unilateral e discricionária do professor com os estudantes, exatamente por ainda partilhar a condição de estudante. 144

Paulo Freire (2011) critica esse modelo, e defende uma educação libertadora, onde o aluno é visto como sujeito ativo na construção do conhecimento, rompendo com a passividade imposta pelo sistema tradicional, promovendo a sua autonomia e responsabilidade:

Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. (Freire, 2011, p. 25)

Contrastando com seu passado em métodos educacionais tradicionais, o método crítico-ativo incentiva uma monitoria em que estudantes monitores e não-monitores sejam coprotagonistas do processo de ensino-aprendizagem. O monitor, nessa experiência, deve acompanhar e partilhar o fazer docente integralmente, formando-se enquanto professor e não atuando como mero assistente de um *docente todo-poderoso*.

Neste artigo, é exposto um seminário, realizado durante o segundo semestre de 2024, sobre uso de fontes e trato metodológicos para com estas. Foram escolhidos acervos digitais, objetivando

assim que o estudante tenha contato com estes acervos e conheça as possibilidades de fontes que estes acervos fornecem, assim como a metodologia que o mesmo deve aplicar para esse material.

Especialmente para aqueles que desejam seguir carreiras na docência, compreender os processos de ensino e aprendizagem é fundamental, permitindo uma atuação coerente e reflexiva no mundo, tornando-se agentes ativos na construção do conhecimento (Frison, 2016).

A Iniciação à Docência no Ensino Superior

Na atualidade, os Programas de Iniciação à Docência no Ensino Superior têm, na monitoria universitária, oportunidade já tradicionalmente bem sucedida de aperfeiçoamento do processo de ensino-aprendizagem. Além de desenvolvimento técnico-científico dos recursos humanos engajados na docência em cursos de graduação, especialmente favorecendo a formação docente dos estudantes em licenciaturas, além da própria atualização dos docentes de ensino superior.

Retornamos a Freire (2011) quanto a devida promoção da autonomia, que é uma das premissas nesse projeto. A agência de monitores e não-monitores só é possível quando se respeita:

à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros. É neste sentido também que a dialogicidade verdadeira, em que os sujeitos dialógicos aprendem e crescem na diferença, sobretudo no respeito a ela, é a forma de estar sendo coerentemente exigida por seres que, inacabados, assumindo-se como tais, se tornam radicalmente éticos. (Freire, 2011, p. 58-59)

Nesse projeto, postula-se que o monitor assuma responsabilidades, mas o docente ainda guarda a teleologia de seu trabalho e, nessa situação, em caráter duplo: ele organiza e prepara o monitor para a partilha da disciplina, mas permanece com as decisões em última instância que oferecerão as condições para formação dos estudantes não-monitores. O docente é o motivador inicial do processo de ensino-aprendizagem, mas o planejamento tanto do curso, quanto em cada atividade pedagógica, deve prever momentos-chave de protagonismo do monitor, considerando as particularidades do ambiente de ensino:

No tocante à formação para o ensino, a monitoria deve ser pensada abarcando todo o processo de ensino. O professor orientador necessita envolver o monitor nas fases de planejamento, interação em sala de aula, laboratório ou campo e na avaliação dos alunos e das aulas/disciplinas. Evidentemente, como reza algumas recomendações da IES, os monitores não podem substituir os professores dando aulas por estes. Eles são aprendizes, ainda não auferiram o nível de competência de um professor. No entanto, tampouco isso significa uma escusa para deixá-los, como salientamos, executando apenas tarefas bastante limitadas quanto ao teor formativo. (Nunes, 2007, p. 18)

Ressalta-se que os monitores não ministraram aulas, mas intervém nestas, sistematizando, organizando e trocando táticas de aprendizagem com as quais os estudantes se defrontam ante às atividades propostas.

A adoção de um projeto de monitoria deve considerar uma variável subjetiva crucial: a experiência dos monitores que, frequentemente, convivem com os estudantes não-monitores, muitas vezes sendo colegas de turma em outras disciplinas. Isso estabelece uma conexão direta com a mentalidade e as demandas dos estudantes.

O contato entre o professor e o monitor auxilia significativamente na percepção de aspectos que podem escapar à visão do docente na relação com os alunos, devido à tendência de enfatizar a autoridade inerente à sua função (Cavalcanti; Vasconcellos Neto, 2006, p. 34).

A natureza da relação professor-aluno em uma Instituição de Ensino Superior, dentro de um sistema seriado, pode limitar a visão do docente, criando uma miragem sobre os mais diversos aspectos do corpo discente. Com a convivência diária, os estudantes tendem a desenvolver um conhecimento particular sobre as potencialidades e interesses de seus colegas, assim como de seus professores e do curso que, coletivamente, ajudam a moldar. Através da monitoria, o professor pode ter acesso a questões didáticas observadas por membros do corpo discente e não partilhadas na relação do-discente mais comum.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Brasil, 1996), reconhece a valia dessa possibilidade quando possibilita que os discentes da educação superior poderão ser aproveitados em tarefas de ensino e pesquisa pelas respectivas instituições, exercendo funções de monitoria, de acordo com seu rendimento e seu plano de estudos. Respalizada em lei, essa prática é prevista na UESC através do Programa de Iniciação à Docência, normatizado pela Resolução CONSEPE nº 14, de 26 de março de 2024 (Universidade Estadual De Santa Cruz, 2024).

A Monitoria

A prática teve seu início no início do segundo semestre de 2024, sendo realizada na disciplina de Pesquisa Histórica I com o Prof. Dr. Thiago Vinicius Mantuano da Fonseca, desde a etapa de planejamento das atividades a serem desenvolvidas na disciplina até sua realização, sendo desenvolvida na Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).

A UESC tem sua formação oriunda da estadualização da Federação das Escolas Superiores de Ilhéus e Itabuna (FESPI) em 1991, através Lei Estadual nº 6.344, de 5 de julho de 1991 (Bahia, 1991), sendo a principal referência em ensino superior do eixo Ilhéus-Itabuna.

A disciplina dedica-se ao entendimento da pertinência social da pesquisa científica em História. Ultrapassando as demandas da História enquanto disciplina, a pesquisa histórica será apresentada como principal forma de construção do saber histórico considerando suas valias científicas, educacionais e políticas. Para tanto, foram estudados e simulados, na prática, os materiais e os meios técnicos para preparação e planejamento de uma pesquisa em História.

Tendo a disciplina o principal objetivo, proporcionar condições para uma visão científica da História colaborando com a sua construção, ensino-aprendizagem e difusão desde o seu ato fundamental, a pesquisa histórica.

História digital e documentos digitalizados

José de Assunção Barros (2022) expõe que o computador foi o principal responsável pela revolução digital que o mundo vive a partir da década de 1990, entretanto é importante salientar que revolução digital é diferente de tecnologia digital, conforme Barros:

147

É importante termos em vista que o que efetivamente caracteriza uma revolução digital é o espraiamento – por amplos setores sociais e pelo planeta inteiro – da tecnologia digital, de suas linguagens e novas formas de comunicação, da circulação da informação e da produção de novos modelos de sociabilidade que se tornaram possíveis com os recursos digitais. (Barros, 2023, p.12)

Expondo assim que a tecnologia por si não propiciou a civilização digital, mas sim a disseminação e popularização dos meios e redes digitais. Para o autor a revolução criou uma forma de espacialidade, que não seria física, assim um usuário deste espaço poderia se locomover por locais distintos, países distintos, sem necessariamente sair do seu espaço físico.

Ampliando essa discussão, o campo da História Digital nos lembra que a digitalização não é um processo neutro. Um documento digitalizado não é um substituto perfeito do original; ele é um novo objeto, com sua própria materialidade e história. Fatores como a resolução da digitalização, a aplicação de metadados e a tecnologia de reconhecimento óptico de caracteres (OCR) moldam a forma como acessamos e interpretamos a fonte. Portanto, a crítica histórica deve se estender não apenas ao conteúdo do documento, mas também ao processo de sua mediação digital, questionando as escolhas e possíveis vieses embutidos na própria plataforma do arquivo digital (Prado, 2021).

Um ponto que aqui cabe destaque a respeito do uso de história digital é a necessidade de um critério bem apurado para seleção de fontes, pois, ao realizar buscas avançadas, o historiador irá se deparar com uma infinidade de materiais, que por sua vez, nem sempre serão de origem confiável.

Com isso em mente, durante a orientação e realização do seminário, houve instrução para os discentes sobre a necessidade de identificação de origem da produção e circulação de fontes digitais. Priorizando a escolha de acervos governamentais pela sua confiabilidade, como a Hemeroteca Digital e o acervo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A internet em seus anos iniciais, no final do século XX, não teve tanto impacto no ofício do historiador, pois mesmo a sua popularização houve e ainda há uma relutância em se apoderar da internet como uma fonte para pesquisas históricas, especialmente quando a trata como fonte primária.

Barros (2022) faz uma distinção entre fontes digitais e fontes virtuais. As fontes virtuais são materiais produzidos na internet, como blogs, postagens, vídeos do Youtube e afins. Enquanto as fontes digitais são fontes que foram digitalizadas para o meio digital, entretanto, foram produzidas no mundo físico.

Para o seminário realizado, optou-se pela utilização exclusiva de fontes digitais, para que o estudante compreenda que os mesmos processos de análises que ele realiza para materiais físicos como jornais, fotografias e estatísticas devem ser utilizados para as fontes digitais que ele irá se deparar na internet.

É evidente que para fontes virtuais, o trato metodológico é diferente que o trato para documentos digitalizados, todavia não será aprofundado esta metodologia pois não era o objetivo principal do seminário. Conforme Fortes (2021):

Formar cidadã(o)s e profissionais conscientes e ativos na sua relação com um mundo dominado pela tecnologia digital implica abrir espaços para esses temas nas estruturas curriculares, nos colegiados, nos ciclos de debates, nas associações científicas e em qualquer outro ambiente relevante da vida acadêmica (Fortes, 2021, p. 5-6)

A aplicação do seminário faz parte do processo, mais que necessário, de formar profissionais críticos ao mundo tecnológico que o cerca, tendo em mente que num futuro próximo, esses estudantes estarão em sala de aula, lidando com alunos que estão em constante fluxo de troca de informações no espaço digital.

Fontes e Métodos

Durante as discussões para o planejamento da ementa da disciplina, uma questão levantada, pelo monitor para o docente, foi uma dificuldade que vem sendo demonstrada pelos estudantes do curso de História em eventos, disciplinas e trabalhos de conclusão de curso.

A dificuldade em questão refere-se ao tratamento metodológico de fontes. É observado que uma quantidade substancial dos estudantes sabe identificar fontes e suas tipologias. Todavia não se é feito um trato metodológico nas análises destas fontes, apresentando trabalhos ricos em quantidade de fontes, mas com uma falta de rigor metodológico em suas análises.

Muitos dos discentes confundem referencial teórico com fontes e acabam por incorporar fontes primárias na Revisão Bibliográfica, tendo em vista que nesse espaço o foco deve ser a indicação e o diálogo com a literatura existente. Segundo Barros (2005):

149

Se o lugar para a indicação deste diálogo com a "literatura" existente é a "Revisão Bibliográfica", já as "fontes" não devem ser descritas ou avaliadas neste mesmo capítulo do Projeto. Para elas deve ser reservado um capítulo especial, ou então incorporar a sua descrição e avaliação ao capítulo relativo à "Metodologia" (em muitos projetos este capítulo recebe a designação de "Fontes e Metodologia").
(Barros, 2005, p. 63-64)

Esta dificuldade deve ser vencida para não propiciar espaços de discussões acerca da validade científica das ciências humanas como um todo. Pois, a área das Ciências Humanas, muitas vezes – por pessoas de fora da área — é tratada não como uma ciência, mas como literatura. Sendo, portanto, o entendimento e domínio do trato metodológico historiográfico, o principal instrumento para defesa das Ciências Humanas como ciência.

A fundamentação para a escolha dos métodos de análise propostos (Mauad, 1996; Moura Filho, 2008; Barros, 2021) se encontra na necessidade de fornecer aos estudantes ferramentas conceituais aplicáveis, além de fácil entendimento, para os tipos de fontes mais comuns em acervos digitais. A abordagem de Ana Mauad (1996) é fundamental nos estudos da cultura visual, tratando a fotografia não como um reflexo da realidade, mas como uma representação carregada de intencionalidades.

O trabalho de Moura Filho (2008), por sua vez, introduz aos estudantes à história quantitativa, demonstrando como dados seriados podem revelar estruturas e processos sociais, exigindo um olhar crítico sobre como e por quem esses números foram produzidos. Por fim, a metodologia de Barros (2021) para fontes jornalísticas oferece um roteiro sistemático para decompor as múltiplas camadas de um periódico, desde sua materialidade até suas linhas editoriais

e discursos polifônicos. Juntos, esses autores fornecem uma base sólida para a crítica de fontes, habilidade central na formação de qualquer historiador.

Um pensamento conjunto entre o docente/monitor durante uma das reuniões para planejamento das atividades a serem desenvolvidas na disciplina, foi a da aplicação de um seminário que unisse repositórios de fontes e textos metodológicos. O intuito era que os alunos aplicassem a metodologia à fonte — sendo estas disponíveis em repositórios digitais — no espaço formativo da disciplina, objetivando o aperfeiçoamento da qualificação dos alunos.

Após essa discussão inicial, em outra reunião, foi delimitada uma aula introdutória sobre a aplicação do trato metodológico em fontes, esta aula foi realizada no Centro de Documentação e Memória Regional da UESC, tendo em parceria uma mestranda de estágio em docência na aplicação dessa atividade. A ideia era que os estudantes tivessem contato com acervos físicos a priori.

Os estudantes receberam previamente o artigo de Ana Maria de Almeida Camargo (2023) sobre os arquivos e a pesquisa histórica, na qual a autora desenvolveu um levantamento temporal sobre o trabalho do arquivista e sua diferenciação com o historiador. No dia da atividade, os estudantes receberam duas fontes distintas: Textuais e Iconográficas (fotografias).

Para a textual foi escolhido o jornal *A Região* (1987-2025) e para as iconográficas, fotografias da Cidade de Ilhéus. Juntamente às fontes, os alunos receberam duas fichas a serem preenchidas com a explicação dos seus respectivos métodos. A primeira foi a respeito da catalogação do documento e a outra da análise histórica, para jornais foi utilizado Barros (2021) e fotografias Mauad (1996).

Essa atividade introdutória sobre aplicação de métodos de análise foi importante para os estudantes compreenderem e tirarem suas dúvidas junto ao docente e ao monitor da disciplina.

O seminário

Após essa aula introdutória, os estudantes receberam a tarefa de se dividirem em grupos de 3 estudantes para apresentação de um dos três repositórios digitais juntamente ao texto de apoio metodológico, listados abaixo:

Figura 1 - Relação de Re却itórios e Métodos utilizados

Re却itório	Texto Metodológico

Memória Estatística do Brasil	"O Uso da Informação Quantitativa em História: Tópicos para Discussão" (Heitor Moura Filho)
Hemeroteca Digital	"Sobre o uso dos jornais como fontes históricas: uma síntese metodológica" (José D'Assunção Barros)
Brasiliana Fotográfica	"Fotografia e História: Interfaces" (Ana Mauad)

Fonte: Elaboração própria (2024)

Os estudantes nesta atividade não precisavam apresentar o texto metodológico em si, mas sim aplicar o método em uma fonte escolhida nestes repositórios. O foco principal da apresentação era a exposição do repositório digital e da forma de uso do mesmo. Além disso, os estudantes receberam um roteiro de informações mínimas que deveriam ser expostas em sua apresentação, sendo eles:

151

Figura 2 - Instruções de apresentação

Instituição de Guarda e Origem dos Acervos;	Base técnica da catalogação e metadados;
Forma de Divulgação e Disponibilização Digital e/ou Física (Programa, Projeto, Portal, etc.);	Base técnica de acesso aos documentos (incluindo funcionalidades e ferramentas tecnológicas de destaque);
Gêneros, Espécies e Tipos Documentais identificados	Base técnica de busca;
Estrutura (forma de divisão e apresentação) e volume estimado do(s) Acervo(s);	Base técnica da obtenção (ou não) de cópia digital dos documentos;
Suporte Físico dos originais e suporte [formato] digital (dimensões mais recorrentes e disposição do conteúdo);	Avaliação do estado e tratamento documental (manipulação, visualização, integridade e integridade dos documentos) por amostra.

Fonte: Elaboração própria (2024)

Um ponto a ser destacado acerca dos repositórios digitais, no que diz respeito a fontes textuais, é o fato de que os repositórios trabalhados estão disponíveis na tecnologia OCR (Optical Character Recognition). Na qual o pesquisador pode procurar palavras chaves em documentos

históricos, como jornais, por exemplo, facilitando o trabalho referente a demanda do pesquisador de dispor de uma quantidade dispendiosa de tempo para analisar o acervo.

Com a tecnologia de reconhecimento de caracteres, caso seu jornal esteja disponível digitalmente, será possível aumentar a eficiência na busca por relatórios em jornais. Todavia isso não extingue o ofício de levantamento e análise da fonte.

Destaca-se que o presente estudo não foi submetido à apreciação de um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), uma vez que o objeto de análise se restringe a uma prática pedagógica e não se enquadra na definição de *pesquisa envolvendo seres humanos*, conforme estabelecido pela Resolução CNS nº 466, de 12 de dezembro de 2012 (Brasil, 2012). A metodologia empregada no Seminário de Fontes e Métodos ateve-se à análise de fontes documentais em um contexto educacional controlado, sem a coleta de dados, amostras ou informações de participantes que exigisse a obtenção de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) ou que estivesse sob a égide da Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD), Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018 (Brasil, 2018).

152

As apresentações

A primeira apresentação foi a do repositório Brasiliiana Fotográfica, que é uma iniciativa resultante de uma parceria entre a Fundação Biblioteca Nacional e o Instituto Moreira Salles. Este repositório foi lançado em 2015 e reúne material de 1855 até 1923, contendo no atual momento 11575 fotografias.

O grupo deste repositório iniciou sua apresentação focando nas discussões da Mauad (1996), expondo a relação entre a história e a fotografia, expondo o valor da fotografia como fonte histórica e as demandas de novas críticas que a fotografia provoca. Os estudantes também expuseram o jogo de interesses e conteúdo que envolvem uma fotografia conforme Mauad (1996):

Os textos visuais, inclusive a fotografia, são resultado de um jogo de expressão e conteúdo que envolvem, necessariamente, três componentes: o autor, o texto propriamente dito e um leitor. Cada um destes três elementos integra o resultado final, à medida que todo o produto cultural envolve um locus de produção e um produtor, que manipula técnicas e detém saberes específicos à sua atividade, um leitor ou destinatário, concebido como um sujeito transindividual cujas respostas estão diretamente ligadas às programações sociais de comportamento do contexto histórico no qual se insere (Mauad, 1996, p. 8).

Após a exposição da fotografia como fonte e do jogo de interesses que envolve a sua produção, os alunos fizeram uma visita guiada ao repositório digital, explorando o repositório e

seu acervo, para a escolha de uma fotografia específica. Os mesmos utilizaram a fotografia mais antiga do acervo, tirada por Revert Henrique Klumb (1835-1886), com o título *Princesa Isabel e Conde d'Eu saindo de sua residência*. com datação aproximada entre 1855 a 1880.

Figura 3 - Princesa Isabel e Conde d'Eu saindo de sua residência



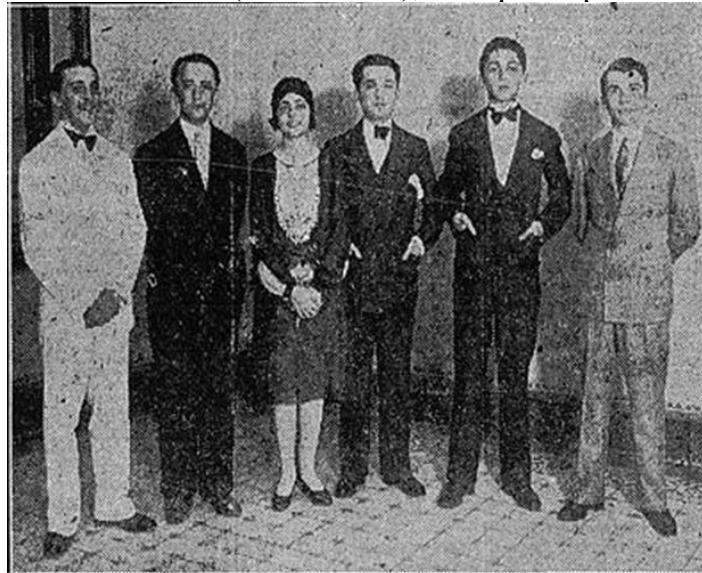
Fonte: Thereza Christina Maia (2024)

153

Para esta fotografia, os alunos se atentaram mais aos metadados presentes em seu site, desde o estado de conservação até os assuntos na qual a fotografia é catalogada no acervo.

Após a visita guiada, os estudantes expuseram suas análises baseadas nas fichas de elementos proposta pela Mauad (1996), uma de elementos da forma de conteúdo e a outra na forma de expressão, segue abaixo a imagem e as fichas preenchidas pelos estudantes:

Figura 4 - Maria Luiza Dória Bittencourt (1910 – 2001), a eloquente primeira deputada da Bahia



Fonte: Correio da Manhã. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/correio-manca/089842>. Acesso em: 28 nov. 2024. Localização: Publicações Seriadas - PR-SPR 00130

154

Figura 5 - Ficha de Conteúdo

AGÊNCIA PRODUTORA ANO	Correio da Manhã (Rio de Janeiro, RJ: 1901)
Local retratado	Associação dos Empregados no Commercio
Tema retratado	Concurso de oratória entre alunos das faculdades de Direito
Pessoas retratadas	Hermes Barroso, Javert de Souza Lima, Fernand Scalamandre Sobrinho, José Mansur Guerias, Francisco Bittencourt Junior e Maria Luiza Doria Bittencourt
Objetos retratados	
Atributo das pessoas	Bem vestidas, com trajes sociais, majoritariamente homens.
Atributo da paisagem	
Tempo retratado (dia/noite)	Dia, mais especificamente a tarde
Nº da foto	23.438

Fonte: Elaboração dos Alunos com base em Mauad (1996)

Figura 6 - Ficha de Expressão

AGÊNCIA PRODUTORA ANO	1903
Tamanho da foto	i:17,4 cm x 20,6 cm sp:17,9 cm x 23,9 cm
Formato da foto e suporte (relação com o texto escrito)	Gelatina/ Prata P&B – Uma foto sobre arquitetura urbana.
Tipo de foto Enquadramento I: sentido da foto (horizontal ou vertical)	Horizontal
Enquadramento II: direção da foto (esquerda, direita centro)	Centro
Enquadramento III: distribuição de planos	
Enquadramento IV: objeto central, arranjo e equilíbrio)	
Nitidez I: foco	
Nitidez II: Impressão visual (definição de linhas)	
Nitidez III: iluminação Produtor: amador ou profissional	
Nº da foto	23.438

Fonte: Elaboração dos Alunos com base em Mauad (1996)

155

Através da análise dos alunos, foi possível observar um rendimento satisfatório quanto à ficha de conteúdo, em que os estudantes seguiram à risca a ficha proposta no texto metodológico. Na ficha de expressão, os estudantes apresentaram dificuldades no preenchimento das questões relativas a conhecimentos técnicos da produção fotográfica, entretanto, a apresentação do acervo, a análise de conteúdo e a exposição de discussões da Mauad (1996) foram satisfatórias.

Um ponto a destacar dessa apresentação foi a fala de uma das estudantes que trouxe o relato de que estava utilizando essa metodologia na realização de um estágio supervisionado, — em que a mesma desenvolve atividades de catalogação de acervos fotográficos do Centro de Memória e Documentação Regional da Universidade Estadual de Santa Cruz.

Em sequência, pelo segundo grupo, foi feita a exposição do repositório Memória Estatística do Brasil. O projeto foi desenvolvido a partir do Convênio de Cooperação Técnica nº 001/2006, firmado entre o Ministério da Fazenda e o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), e publicado no Diário Oficial da União em 12 de julho de 2006 (Brasil, 2006). Este convênio,

renovado posteriormente em 2010, foi realizado em parceria com o Internet Archive e outras instituições nacionais.

O grupo de estudantes centrou sua apresentação em ter um domínio do método de Moura Filho (2008) para expor oralmente ao escolher uma fonte predeterminada pela equipe. O grupo apresentou a importância das quantificações das fontes para o historiador e, além disso, eles buscaram diferenciar fontes quantificadas de fontes quantificáveis. Além de delimitar a estrutura do foco analítico, na qual o historiador define uma escala (temporal ou espacial) que irá definir seu foco específico.

O grupo explorou a forma que se estrutura o repositório, após isto, o grupo destrinchou uma fonte quantificada para pensar a forma de análise deste material. O grupo escolheu o Anuário Estatístico da Bahia de 1936, com o foco analítico de compreender as receitas da região cacauíra através da sua produção de cacau.

Figura 7 - Dados da produção de cacau (1935-1936)

156

REGIÕES PRODUCTORAS	Sacos de 60 kilos	
	1934-35	1935-36
Alcobaça	1.378	820
Barra do Rio de Contas (Itapira e Itacaré)	129.685	166.423
Belmonte	136.836	121.262
Camamú	18.000	22.740
Cannavieiras	131.170	124.311
Caravellus	529	486
Ilhós e Itabuna	994.507	1.300.993
Jequié	97.281	107.322
Marahú	1.398	1.146
Mucury (S. José do Porto Alegre)	4.395	5.433
Nilo Peçanha	158	13
Porto Alegre	6.073	6.753
Prado	7.561	8.458
Santarém	41.762	55.613
Taperoá	4.874	5.667
Una	12.505	18.340
Valença	1.663	997
Outros productores	355	293
TOTAL	1.590.130	1.947.070

Fonte: Directoria Geral de Estatística (1936). Anuário Estatístico da Bahia. Esc. Typ. Salesiana. Bahia. 1936. P.72

Os estudantes fizeram uso da escala espacial para destrinchar a participação de cada município das regiões produtoras da Bahia, e, assim, entender o grau de importância de cada município nesta escala. Os alunos destacaram, para além dessa estrutura de importância na produção, o fato de Itabuna e Ilhéus serem tratadas como um só, mesmo após a emancipação do município de Itabuna. Além de perceber a escala temporal evolutiva da produção da safra de 1934-35 para o outro ano de 1935-36.

Outra fonte que foi analisada pelo grupo foi o quadro demonstrativo dos destinos do café exportado pelo Rio de Janeiro em 1873. O foco foi trazer a discussão a ampla temporalidade do repositório, pois o mesmo contém fontes de diferentes períodos, contextos e lugares.

Figura 8 - Dados de exportação do café (1873)

— 34 —

RESUMO DA EXPORTAÇÃO DO CAFÉ PELO PORTO
DO RIO DE JANEIRO

Em sacas (1)

N. de ord.	Destinos	1871	1872	1873
1	Para os Estados Unidos ..	1.354.355	1.130.682	1.163.563
2	Para a Europa, etc.....	1.003.646	880.510	824.300
	Sommas	2.358.001	2.011.192	1.987.869

No anno de 1873 a exportação do café, pelo porto do Rio de Janeiro, teve os destinos declarados no seguinte quadro, que demonstra quais são em todo o mundo os países que mais consomem o café brasileiro :

QUADRO DEMONSTRATIVO

DOS DESTINOS DO CAFÉ EXPORTADO PELO PORTO DO
RIO DE JANEIRO EN 1873 (EM SACAS)

Classificação genral	N.º de ordem	Portos de destino	Numeros de sacas
Estados Unidos e America do Norte	1	Portos não declarados	903.362
	2	Nova-York	127.840
	3	Hampton Roads (Vir- gínia) á ordem	60.243
	4	Baltimore	25.571
	5	Galveston	15.510
	6	Nova-Orleans	14.336
	7	Mobile	7.900
	8	Sandy-Hook (New-Jer- sey) á ordem	4.000
	9	Charleston	2.900
	10	S. Thomaz	1.877
Total da America do Norte (sacas).....		1.163.569	

[1] Antes de se pôr em pratica o sistema metrico, o café vinha das fazendas em sacas de 4 arrobas — ou hano e 397 gr. e era exportado em sacas de 16 arrobas — ou 1 kilo, 39 gr. Atualmente, por um convenio entre os representantes, a saca de café pesa 60 kilogramas exatamente, e as casigas officiais são feitas no raião de dez (10) kilogramas.

Fonte: Estatística do comércio marítimo do Brasil do exercício de 1872-1873

Para esta fonte, o grupo explorou o que Moura Filho (2008) demonstra sobre os padrões de medidas terem funções sociais, assim como a necessidade de associar uma informação quantitativa

a um objeto, entendendo suas classes e seus elementos. Trazendo a discussão acerca do processo de contagem ou mensuração estar inserido em um contexto não só histórico, mas metodológico, sendo necessário a consideração sobre os graus de precisão da medida, a abrangência da informação e a intenção do agente que realizou tal mensuração.

No último grupo, foi discutido o repositório da Hemeroteca Digital e com o texto de apoio do Barros (2021). Os alunos expuseram a origem do repositório como produto de um aporte financeiro realizado pelo governo federal para a Biblioteca Nacional, no momento em que surge o programa Livro Aberto a partir de 2008. A Biblioteca digital tem a finalidade de ampliar a democratização ao acesso de documentos para a população e tem em seu repositório a seção da Hemeroteca Digital.

Os estudantes demonstraram os mecanismos de busca da hemeroteca, e como ele se estrutura em três pilares de pesquisa: Periódico, período e local. Esses pontos são a estrutura para realizar qualquer tipo de busca no repositório.

Figura 9 - Mecanismo de Busca da Hemeroteca Digital

158

Periódico	Período	Local
Periódico Selecionar...	Período Pesquisar (Para uma frase exata, coloque as palavras entre aspas. Ex.: "mundo verde").	Local

Fonte: Hemeroteca Digital (2024).

A partir da escolha de um dos três, o pesquisador pode estabelecer sua busca. Após essa exposição, o grupo discutiu os aspectos expostos por Barros (2021) para a análise histórica, sendo eles:

Figura 10 - Critérios de análise de jornais

Polifonia de discursos	Publicização
Seções temáticas	Recepção

Conteúdo	Meios de Impressão
Periodicidade	Lugar de impressão
Materialidade	Lugar de Produção

Fonte: Elaboração Própria com base em Barros (2021).

Este grupo escolheu uma fonte de 1937 do jornal *Correio Paulistano* (1854-1963), que tratava de um discurso do deputado Alfredo Ellis (1850-1925) numa sessão da Assembleia Legislativa. Neste discurso, os estudantes realizaram sua análise, bastante voltada à análise de discurso e buscando a compreensão da intencionalidade não só do discursante, mas do jornal que o publicou.

Figura 11 - Material de apoio na exposição da análise

ANÁLISE DO JORNAL

Preparação

- Jornal
- Edição/data de publicação
- Objetivo
- Contexto

Análise Quantitativa

- Contagem
- Tendência

Análise Qualitativa

- Categoria
- Tom
- Linguagem

Análise do Conteúdo



159

Fonte: Elaboração dos Alunos com base em Barros (2021).

Os estudantes fizeram sua análise elencada nestes quatro pontos: preparação; análise quantitativa; análise qualitativa e análise de conteúdo. Eles desenvolveram esses pontos através da exposição oral de uma forma didática e de fácil entendimento.

Avaliação Crítica dos desafios e limitações

A implementação da atividade também não ocorreu sem desafios. Uma limitação notável foi a desigualdade no acesso à tecnologia entre os discentes. Alguns alunos relataram dificuldades com a conexão de internet instável, o que dificultou a exploração dos acervos digitais fora do ambiente universitário. Além disso, observou-se uma resistência inicial de parte da turma em relação à análise quantitativa, percebida como mais complexa e distante do fazer historiográfico tradicional. Essa percepção evidencia a necessidade de desmistificar o uso de estatísticas e de reforçar continuamente a validade de múltiplas abordagens metodológicas na construção do conhecimento histórico.

Outro ponto de reflexão crítica é a profundidade com que os métodos foram aplicados. Na apresentação sobre fotografia, por exemplo, os estudantes demonstraram maior facilidade com a *ficha de conteúdo* do que com a *ficha de expressão* de Mauad, que exige um conhecimento técnico mais apurado sobre produção fotográfica. Isso sugere que, para futuras aplicações, seria valioso incluir um momento mais focado nos aspectos técnicos de cada tipo de fonte, a fim de capacitar os alunos a realizar uma análise mais completa e sofisticada.

160

Considerações Finais

Esse texto objetivou expor uma experiência tida por meio do Programa de Iniciação à Docência, com a atividade realizada na disciplina Pesquisa Histórica I, do curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual de Santa Cruz.

Esse programa tem sua importância na fomentação do incentivo à carreira acadêmica, além de ajudar a formar a identidade profissional de futuros profissionais. Além de fomentar a trajetória acadêmica, eles são cruciais na construção da identidade profissional de futuros educadores. Essa formação é hoje indissociável da capacidade de responder aos desafios da era digital, que, conforme discutido neste trabalho, exige uma constante reavaliação de currículos e práticas pedagógicas para se manter relevante e eficaz.

A aceleração da difusão de tecnologias faz com que a cada momento seja necessário repensar as práticas pedagógicas, e isso para um docente que está no cargo há muito tempo torna-se substancialmente desafiador. Além disso, é possível observar que, pelo fato de o monitor ser um discente, a proximidade do mesmo com os seus pares torna possível identificar dificuldade e lacunas na formação, além de discutir e apontar possíveis soluções.

Dessa forma, a aplicação dos seminários foi satisfatória para a discussão acerca do tratamento metodológico no processo de análise histórica. Apoiando a formação metodológica dos discentes e instrumentalizando-os na execução de suas pesquisas.

Os próprios discentes da disciplina se mostraram não só receptivos à atividade, mas também expuseram a importância de se ter esse momento formativo e por ter tido contato com a prática com as fontes e a aplicação de métodos em momento anterior ao seminário e as atividades de pesquisa. Foi mencionado pelos estudantes que o material do repositório e dos textos metodológicos foram utilizados por eles para realização de outras produções acadêmicas, assim como para suas sondagens no processo de fazer Pesquisa Histórica.

É fundamental destacar as implicações desta abordagem para a formação de professores de História. Ao vivenciar uma prática de pesquisa que integra acervos digitais e rigor metodológico, os licenciandos não apenas aprimoram suas próprias competências investigativas, mas também constroem um repertório de práticas pedagógicas que poderão ser adaptadas para a Educação Básica. Essa experiência os capacita a ir além do livro didático, promovendo em seus futuros alunos o letramento digital e a habilidade de analisar criticamente as fontes de informação, competências essenciais para o exercício da cidadania em uma sociedade digital.

Os discentes puderam observar que a junção do levantamento de fontes e do trato analítico é indispensável para a pesquisa histórica. Assim, não só se cumpre o objetivo da disciplina Pesquisa Histórica I, como também soluciona o déficit formativo do alunado, um grupo por vez.

Referências

BARROS, José D'Assunção. A trama Polifônica das grandes Revoluções Tecnológicas – da revolução agrícola às revoluções industriais e à revolução digital. **REIMATEC**, Belém, v. 18, n. 44.

BARROS, José d'Assunção. **História digital**: a historiografia diante dos recursos e demandas de um novo tempo. 1. ed. São Paulo: Vozes, 2022.

BARROS, José D'Assunção. **O Projeto de Pesquisa em História**. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

BARROS, José D'Assunção. Sobre o uso dos jornais como fontes históricas - uma síntese metodológica. **Revista Portuguesa De História**, v. 52, p. 397-419, 2021.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida. Os arquivos e a pesquisa histórica. **Revista Histórias Públicas**, v. 1, n. 2, p. 22–47, 2023.

CARDOSO, Ciro Flamaron Santana; BRIGNOLI, Héctor Pérez. **Métodos da História.** Rio de Janeiro: Graal, 1981.

CAVALCANTI, Carlos André; PEIXOTO, Edson Peixoto. A Monitoria no Ensino Superior de História: Desafios e Avanços. **Cadernos do Logepa**, João Pessoa, v. 6, p. 4- 11, 2005.

ESTATÍSTICA, Directoria Geral de. SOUSA, José Carlos Pereira. **A administração estadual analisada na Assembleia Legislativa.** Correio Paulistano, São Paulo, 19 de fev. de 1937, p.3.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FORTES, Alexandre. Formando historiadores na era digital: concepções e ferramentas. **Revista Mundos do Trabalho**, Florianópolis, v. 13, p. 1–13, 2021. DOI: 10.5007/1984-9222.2021.e80880.

FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo. Monitoria: uma modalidade de ensino que potencializa a aprendizagem colaborativa e autorregulada. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 27, n. 1, p. 133–153, 2016.

LUNA, Sergio Vasconcelos de. **Planejamento de Pesquisa:** uma Introdução. Bauru:Edusc, 2002.

MAUAD, Ana Maria. Fotografia e História: Interfaces. **Tempo**, Niterói, v. 2, n.1, 1996, pp. 26-46.

MIRANDA, Margarida. **Código pedagógico dos jesuítas:** Ratio Studiorum da Companhia de Jesus. Campo Grande: Esfera do Caos, 2009.

MOURA FILHO, Heitor Pinto. O Uso da Informação Quantitativa em História - Tópicos para Discussão. **Locus: Revista de História**, Juiz de Fora, v. 14, n. 1, 2008, pp. 41-83.

NUNES, João Batista Carvalho. Monitoria acadêmica: espaço de formação. In.: SANTOS, Mirza Medeiros; LINS, Nostradamus de Medeiros (orgs.). **A Monitoria como Espaço de Iniciação à Docência:** Possibilidades e Trajetórias. Natal: EDUFRN, 2007.

PRADO, Giliard da Silva. Por uma história digital: o ofício de historiador na era da internet. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 13, n. 34, e0201, set./dez. 2021.

Primeiros Passos
Recebido em: 18 mar. 2025.
Aprovado em: 19 jul. 2025.